

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de
**Identidades locais
na arte colonial
brasileira**

Os gradis entalhados nas igrejas baianas no século XIX

Luiz Alberto Ribeiro Freire

UFBA/ CNPq/ CBHA/ ANPAP

Resumo

As sucessivas reformas ornamentais nas igrejas baianas, no século XIX demonstram que houve uma sistematização plástica nas grades em madeira entalhada e dourada. Os artistas plasmaram formas que foram variando em cada igreja, ao tempo em que mantinham uma familiaridade decorativa. Esse fato é marcante, sobretudo porque tais soluções compositivas e ornamentais contribuíram em grande monta para a identidade artística local. Nesse artigo analisamos o fenômeno enfatizando esse contributo.

Palavras-chave

Grades, Talha, Século XIX

Abstract

Successive ornamental refurbishments which took place in Bahian churches in the 19th century show that there was a aesthetic system being followed in the composition of their carved and gilded wooden rails. Artists seem to have created forms which vary from one church to another and at the same time they maintained some ornamental familiarity. This fact is remarkable, especially because such compositional and ornamental solutions largely contributed to the artistic local identity. In this article, we analyze this ornamental element emphasizing its contribution.

Keywords

wooden rails, woodcarving, 19th century

No âmbito das reformas ornamentais experimentadas pelas igrejas baianas no século XIX destacam-se as soluções dadas às grades que separam os espaços sagrados do interior dos templos e que guarnecem as tribunas e púlpitos.

O uso do cedro entalhado para a confecção das grades dos interiores sacros deu continuidade a tradição artística do final do século XVIII e sistematizou no século XIX uma linguagem, que aqui pretendemos esclarecer e analisar com o fito de demonstrar como os arranjos estruturais e ornamentais contribuíram para a identidade dos interiores e da arte sacra católica baiana nesse período¹.

A compreensão da presença de grades no interior das igrejas católicas se faz pela separação hierárquica dos espaços sagrados e pela necessidade de segurança. O primeiro caso é exemplificado pela grade de comunhão, que se localiza no arco cruzeiro ou na proximidade dele. Esse elemento separa o espaço menos sagrado da nave, do mais sagrado da capela-mor².

As grades aparecem separando os espaços laterais da nave, em que estão situados os retábulos laterais e o espaço da nave que antecede o arco-cruzeiro, naquele que corresponde ao braço transversal da cruz latina, identificado como braço do transepto. Essas grades delimitam e diferenciam a ocupação, reservando esses espaços de visão privilegiada, para serem ocupados por determinados indivíduos, como por exemplo, os integrantes de uma irmandade religiosa ou de ordem terceira, conforme ainda acontece na igreja dos terceiros franciscanos de Salvador da Bahia.

As grades localizadas nas laterais da nave, à frente dos retábulos laterais, podem ter servido como grade de comunhão para todos eles, já que no passado, pelo menos até o século XIX, aí se rezavam missas, sendo portanto necessário esse elemento de delimitação. Há também o registro do uso desses espaços intragrade para localização dos homens, enquanto vigorou a separação de sexo no interior das igrejas³.

Há ainda as grades que provêem a segurança guarnecendo os coros, as tribunas da nave e das capelas-mores e em alguns casos os bojos dos púlpitos. Nesses casos se impõe a necessidade de proteção das pessoas que aí se localizavam para assistência privilegiada dos ofícios divinos (tribunas), para a pregação e recitação dos sermões (púlpitos) e para os cantores que entoavam os cânticos da missa acompanhados ou não pelo órgão⁴.

1 Em "A talha neoclássica na Bahia" analisamos e tipificamos os resultados das reformas ornamentais, no capítulo "Tipologia das peças ornamentais e o hibridismo estilístico". As grades são tratadas, quando classificamos tipologicamente cada elemento composto por elas (púlpito, tribuna, grades de coro, de comunhão). FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2006. 560 p. Il. p.240-266.

2 "Assim, sendo uma figura do homem, o templo é, num certo sentido, uma figura do mundo. Há, por exemplo, correspondências entre as partes do corpo e as partes do mundo: os pés correspondem à terra, a cabeça, redonda, à abóbada celeste e, no edifício, ao semicírculo da absida". HANI, Jean. *O simbolismo do templo cristão*. Lisboa: Edições 70, s/d. 173 p. p. 50-51.

3 "729. Mandamos que nas igrejas não estejam os homens entre as mulheres, nem ellas entre os homens, mas uns, e outros estejam em assentos separados, de modo, que fiquem todos com os rostos para o Altar mor...". DA VIDE, Sebastião Monteiro. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Typographia 2 de dezembro. 1853, 526 p. Título XXVII. 729, p. 265.

4 "A missa era cantada por um coro polifônico, acompanhado de orquestra, enquanto, no adro, faziam-se explodir foguetes e fogos de artifício. A posição ocupada pelos fiéis na igreja refletia a ordem social: no meio, cercadas de grades, as mulheres se ajoelhavam em pequenas esteiras de palha ou ricos tapetes;

A hierarquia de ocupação das tribunas seguia a mesma hierarquia sagrada católica, de modo que as tribunas da capela-mor se constituíam em espaços mais importantes que as da nave e conseqüentemente eram ocupadas pelas altas autoridades eclesiásticas e civis, ou os mais dadivosos benfeitores.

Em certas igrejas conventuais o acesso a essas tribunas fazia-se pela ala conventual, no nível do primeiro andar, naquele em que estão localizadas as celas, o que nos faz deduzir de que essas tribunas eram ordinariamente utilizadas para os membros da ordem (frades, monges, etc.) e em algumas ocasiões para os notáveis, benfeitores e amigos da ordem.

Nas igrejas das ordens terceiras e irmandades religiosas, as tribunas podiam ser destinadas a ocupação das famílias dos integrantes das mesas administrativas. Em alguns casos, a distinção se fazia e ainda se faz por letreiros com o título de cada cargo (Provedor, secretário, tesoureiro, etc.) na parte de trás do arco ou verga de cada tribuna, conforme podemos ver na igreja dos terceiros franciscanos de Salvador.

A grade protege os ocupantes do coro, evitando que as pessoas caíam na nave, já que este espaço localiza-se à entrada do templo, acima do átrio ou nártex, em nível intermediário entre o piso e o teto da igreja e voltado para a capela-mor.

Não temos muitas notícias sobre esses elementos no século XVI. Quanto as igrejas erguidas no Século XVII podemos deduzir a presença da grade de comunhão em formato de balaustrada de pedra ou de madeira, com balaústres de formato simples. Quando de madeira a preferência já recaía sobre o jacarandá pela resistência e beleza.

Do século XVIII restaram muitas balaustradas de jacarandá que nos permitem deduzir acerca da preferência por essa madeira e pela técnica do torneado na composição dos balaústres. Nesse século, os balaústres adquiriram variedade formal maior e seus torneados são em geral volumosos e contrastantes.

Em Salvador encontramos remanescentes delas no coro e nas tribunas da nave da igreja da Santa Casa de Misericórdia da Bahia; nas tribunas da nave e nos cancelos das capelas laterais da Igreja do Convento de N. Sra. do Monte do Carmo entre outros.

Verificamos também em tais balaustradas a presença de elementos escultóricos entalhados nas pilastras e elementos estruturais de sustentação próprios do vocabulário clássico, reinterpretados pelo barroco, como grotescos, atlantes, cariátides, mascarões, etc.

Outra característica notável são as dimensões verticais que elas apresentavam, chegando muitas vezes a encobrir parte do retábulo-mor de tão altas e expressivas, como exemplifica as grades de comunhão das igrejas conventuais franciscanas do Nordeste brasileiro.

As balaustradas de jacarandá parecem ter predominado na primeira metade do século XVIII, mas não foram, contudo, a única solução dada para essas estruturas. Com a assimilação do estilo rococó, os balaústres começaram

os homens rodeavam essas grades, de pé ou sentados em cadeiras ou poltronas. Os escravos ficavam na entrada. Os cantores e a música ocupavam o coro, em cima da entrada, onde se juntavam os que queriam apreciar o espetáculo do alto. MATTOSO, Katia. *Bahia: Século XIX, uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 747 p. p. 395.

a receber entalhes de “rocailles”, que passaram a escorregar pelas superfícies e a influírem na estrutura dos próprios balaústres e das grades, tornando-os mais elegantes, recortados e vazados.

O exemplo mais emblemático de grades que se estruturam a partir das “rocailles” e dos ornatos esgarçados e filamentosos de gosto rococó é a grade da capela lateral de N. Sra. da Soledade da Igreja do Convento de São Francisco do Porto, Portugal.

Em Salvador temos a balaustrada do coro da Igreja do Convento de Santa Tereza D’Ávila, dos Carmelitas Descalços, atual Museu de Arte Sacra da UFBA.

Na Bahia esse fenômeno pode ser melhor percebido nos conjuntos ornamentais de transição do rococó para o neoclássico, os do Luis XVI (D. Maria I), datados de finais do século XVIII e início do XIX.

Exemplificam esse momento as grades das tribunas da nave da Igreja do Recolhimento do Bom Jesus dos Perdões; as grades do coro e das tribunas da nave da Igreja de N. Sra. Santana; nas grades das tribunas da capela-mor, nave e coro da Igreja da Ordem 3ª de N. Sra. do Monte do Carmo; as grades das tribunas da capela-mor, nave e nas do coro da Igreja da Ordem 3ª de São Pedro dos Clérigos.

Em todos esses exemplares soteropolitanos, molduras em curvas elegantes se movimentam com suavidade e se enrolam, sustentando festões, ou não, que pendem sobre molduras ovaladas. Essas soluções da transição entre o rococó e o neoclássico parecem ter indicado diretamente as soluções predominantes nos gradis de madeira entalhada no séc. XIX.

Em alguns conjuntos baianos do século XIX optou-se pelo gradil de ferro forjado nos modelos dos que cercavam os adros das igrejas e dos que eram amplamente utilizados nos balcões dos edifícios públicos e civis de Salvador⁵.

Há também certa incidência do uso de balaustradas com balaústres vazados ou não, de padrão neoclássico. Em pequena proporção iremos encontrar as balaustradas de mármore e ainda a convivência entre interiores reformados no oitocentos com balaustradas de jacarandá negro, nos padrões barrocos. Mas é nas balaustradas de balaústres vazados de padrão neoclássico e nas grades de madeira totalmente entalhadas, que a tradição clássica sistematiza uma linguagem identificadora desses ambientes e da plástica oitocentista baiana.

As soluções plásticas desses elementos possuem variação, mas se agrupam por sua estrutura e ornatos, podendo se classificar nos seguintes padrões:

1. Florão centrado em medalhão oval e festões – Estrutura inteiramente vazada composta a partir de moldura oval perolada, centrada por florão acântico inseridos em outra moldura de secções retas e curvas, que aderem a base e ao para-peito por botões, ladeada por festões que pendem do centro para as extremidades e por outros dois decrescentes que pendem de argolas, um em cada lateral. As pilastras dessas grades apresentam-se vazadas com festões decrescentes que con-

⁵ Os gradis de ferro na arquitetura civil e religiosa da Bahia foram analisados por ASSIS, Dilberto Raimundo Araújo de. *O gradil de ferro em Salvador no século XIX*. Salvador: UFBA, 2003. 235 f. II. (Dissertação defendida no Mestrado em Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA.).

vergem para um botão central fachiado. Tudo em dourado (os ornatos) e brancos (os fundos); Ex. Tribunais e coro da Igreja do Santíssimo Sacramento e N. Sra. da Conceição do Boqueirão (entalhado por Cipriano Francisco de Sousa, 1855); Bojo do púlpito da Igreja do Santíssimo Sacramento da Rua do Passo (entalhado por Cipriano Francisco de Sousa, 1852); Tribunais, grade do coro e bojos dos púlpitos da Igreja de N. Sra. da Vitória (entalhe de Cipriano Francisco de Sousa, 1853). Variações: Tribunais da capela-mor, da nave, do coro e bojo dos púlpitos da Igreja da Ordem 3ª do Santíssimo Sacramento e N. Sra. do Pilar (entalhe de Joaquim Francisco de Matos Roseira, 1832-1840).

2. Segmentos de molduras retas com cantos curvos que convergem para o centro local em que as molduras se transformam em folhas e em um motivo losangular. Nos extremo superior e inferior desse motivo central, desenvolvem-se trifólios acânticos seguros por argola. Cada unidade dessas adere às outras e aos elementos de sustentação por botões. As pilastras são vazadas com trifólios acânticos decrescentes que convergem para um centro losangular decorado com faixas. Tudo em dourado sobre branco. Ex. Tribunais da capela-mor da igreja de N. Sr. Bom Jesus dos Aflitos e Boa Sentença (cerca de 1868).

3. Inteiramente composto de molduras geométricas entremeadas, com vazados pequenos, que convergem para losangos centrados por florões acânticos losangulares. Os florões dourados fazem o ritmo do emaranhado de molduras em que predomina o branco com os bordos dourados. Ex. Tribunais da capela-mor da Igreja de N. Sra. do Rosário das Portas do Carmo (dos Pretos do Pelourinho – entalhe de João Simões Francisco de Sousa, 1871-1872);

4. Pequeno florão central cercado por moldura circular de onde parte quatro molduras retas dividindo o espaço em quatro campos. Em cada campo uma moldura guia se enrola para baixo e para dentro com segmentos retos, que se encontra com o outro segmento que se enrola para dentro na parte superior, metamorfoseando-se em folhas. Cada quartel complementa o padrão resultando em uma composição em que as quatro partes se harmonizam pelo princípio da simetria. As molduras vão se aderindo à estrutura de base e entre si através de botões. Todo o padrão é vazado e dourado. As pilastras muito estreitas são compostas por reservas de molduras retas que convergem para pequeno florão acântico central, convergência em que as molduras se curvam para acolher o florão. Molduras e florão dourados sobre fundo branco. Ex: Tribunais, grade do coro e bojo dos púlpitos da Igreja da Ordem 3ª de São Domingos de Gusmão (projeto de Joaquim Rodrigues de Faria, 1873, entalhe de Otto Koch e José dos Santos Ramos, 1874-1876).

5. Molduras com segmentos retos e de leves curvas se entrelaçam a volutas que partem da base, centrada por duas barras estreitas e próximas que se assemelham às cordas de uma lira. Entre esse motivo e a sua repetição, na zona central do gradil uma palma acântica centraliza uma reserva de moldura retangular sobre argola. Tudo com predomínio do dourado. Há mais duas especificidades nesse modelo, os cantos curvos da grade e a terminação inferior em moldura de pontas de acantos. Ex. Tribunais da capela-mor, nave e grades do coro da Igreja da Ordem 3ª de São Francisco (entalhe de José de Cerqueira Torres, 1827-1828).

6. Cada painel é composto nos extremos de segmentos de molduras retas intercaladas por curvas, o campo entre as duas molduras é constituído por um losango centrado por florão acântico no centro que corresponde a cada segmento de moldura curva. Os losangos unem-se por um botão, a partir do qual desenvolve-se palmas trifólias em “C”. As molduras em segmentos de retas e curvas prendem-se à estrutura de base da grade através de botões ‘nas partes retas e trifólios nas partes curvas. Cada pilastra é vazada e centrada por losango almo-fadado, tendo em cada vértice dos extremos uma cadeia de trifólios decrescentes. Ex: Tribunas da capela-mor, nave e coro da igreja do Santíssimo Sacramento da Rua do Passo (entalhe de Joaquim Francisco de Matos Roseira, 1848-1850).

7. O painel é composto de dois gradeados de faixas retas unidos por moldura oval disposta na horizontal centrada por florão acântico oval. Esse motivo oval prende-se à estrutura de base nos extremos superior e inferior por um botão e trifólio e no interior dos gradeados por reserva de molduras centrada por argola de onde parte para cima e para baixo, cadeia de argolas decrescentes que terminam fixando os gradeados na estrutura base, festões delgados pendem da estrutura base formando arcos que passam pelas argolas dos gradeados. As pilastras são vazadas e constituídas por cadeia de argolas ovais maiores centradas por florões, presas por argolas menores. Predomina o branco dos fundos que destaca o dourado dos delgados festões, florões e filetes das molduras. Ex: Grades do coro e tribunas da nave da igreja de N. Sra. da Saúde e Glória (entalhe de Francisco Hermógenes de Figueiredo, 1826-1827).

8. Molduras retangulares evoluem para cima cruzando-se e formando volutas simétricas e volutas fitomórficas. Em baixo, intercalando as molduras retangulares, molduras curvas presas a botões cruzam-se matamorfoseando-se em folhas. Todos os motivos geométricos da composição prendem-se na parte de baixo, na estrutura base por botões. Tudo em branco e dourado. Ex: Tribunas da capela-mor da Igreja do Convento de N. Sra. da Soledade (segunda metade do século XIX ou 1952).

9. Painel inteiramente vazado composto de molduras ovais na vertical ligadas intercaladas a figura geométrica retangular com os cantos convexos, interligados por travessão central e botão. No extremo superior, ovais e retângulos prendem-se por botões a moldura com segmentos de retas intercalados por curvas e no extremo inferior por arcos formados por retas e curvas que invadem as bases das ovais. Trifólios decrescentes ponteiam os motivos de molduras partindo dos vértices, dos botões, da estrutura base, ocupando o centro de cada moldura oval. As pilastras são vazadas e compostas de cadeia de argolas ovais maiores centradas por florões presas entre si por argolas menores. O cromatismo predominante é do marmorizado róseo das molduras filetadas de dourado, com os motivos fitomórficos em verde. Ex: Tribunas da capela-mor, da nave, coro e bojos dos púlpitos da Igreja de Santo Antônio Além do Carmo (primeira metade do século XIX).

10. Motivo em molduras retas com formato de retângulo com os vértices curvos e curvas em círculo ao centro. Esse motivo se entrecruzam nas curvas centrais e no interior de cada motivo desses pendem cadeia de trifólios acânticos que se encontram nos pontos superior e inferior unindo os elementos fitomórficos. A aderência a estrutura de base se dá pelos vértices dos motivos de molduras.

As molduras são brancas filetadas de dourado e os fitomorfos são verdes. Ex: Tribunas da nave, capela-mor da igreja do Convento de Santa Clara do Desterro (entalhe de Cipriano Francisco de Sousa, 1850-1852).

11. Balaustrada composta por balaustres vazados, constituídos por feixes de acantos perolados, trifólios e aros listados. Ex: Tribunas da capela-mor, nave e coro da Igreja do Colégio dos Órfãos de São Joaquim (entalhe provável de Joaquim Francisco de Matos Roseira, 1821-1824).

12. Seqüência de balaustres em molduras finas recortados em ouro sobre fundo branco, cujo formato simétrico apresenta dois anéis listados na parte inferior e superior e ao centro por medalha oval com flor inserida no centro. Ex: Grade do coro da igreja do Convento de N. Sra. da Piedade .

O descrito acima expõe o quão variado e sistematizado foi a tipologia de grades em madeira entalhada nas igrejas baianas oitocentistas. Faz-nos perceber que o modelo de florão centrado em medalhão oval e festões foi utilizado pelas oficinas dos entalhadores Joaquim Francisco de Matos Roseira e seu discípulo Cipriano Francisco de Sousa⁶.

Tanto as composições, quanto os ornatos e a policromia identificam essa talha do século XIX desenvolvida na capital e cidades do recôncavo. Tal tipologia não se repete, nem produz derivados fora da Bahia, sendo portanto uma formulação territorialmente determinada, independente da origem e do local de formação de seus entalhadores, pintores e douradores. Os gradis entalhados tipificam a arte da talha na Bahia do século XIX e por conseguinte a arte sacra católica brasileira.

Referências

ASSIS, Dilberto Raimundo Araújo de. **O gradil de ferro em Salvador no século XIX**. Salvador: UFBA, 2003. 235 f. Il. (Dissertação defendida no Mestrado em Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA.).

DA VIDE, Sebastião Monteiro. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**. São Paulo: Typographia 2 de dezembro. 1853, 526 p.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. **A talha neoclássica na Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2006. 560 p. Il.

HANI, Jean. **O simbolismo do templo cristão**. Lisboa: Edições 70, s/d. 173 p.

MATTOSO, Katia. **Bahia: Século XIX, uma província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 747 p.

⁶ FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. **A talha neoclássica na Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2006. 560 p. Il. p.98.



Grade do coro da Igreja de. Nosso
Senhor Bom Jesus do Bonfim
Século XIX. Salvador, BA



Grade Coro da Igreja de Nossa. Senhora da Conceição do Boqueirao

Fotografia de Sergio Benutti



Púlpito da Igreja do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora. do Pilar
Salvador, BA